

Agatha Christie: a rainha do arдил

VIRGINIA KELLY

Mais lida que qualquer outro escritor de língua inglesa, ela encantou o mundo com suas admiráveis histórias policiais – sem deixar ela própria de se constituir em algo de mistério

EM OUTUBRO de 1976, os conhecedores da literatura policial folhearam avidamente as páginas de um novo livro com um interesse especial e cheio de apreensão. Era não apenas a última obra de Agatha Christie a ser publicada – um mistério intitulado *Sleeping Murder* (*Crime Adormecido*); corriam rumores de que, nesse livro, a indiscreta Miss Marple, um dos mais conhecidos superdetetives de todos os tempos, encontrava finalmente quem lhe fizesse frente e acabava morrendo.

Felizmente, como os críticos notaram com alívio, essa pista, tão característica de Agatha Christie



ILUSTRAÇÃO DE CECIL VIEWEG

(como muitas outras engenhosamente urdidas nos seus argumentos), era falsa. A autora, que em *Curtain (Cai o Pano)*, publicado em 1975, não tinha hesitado em matar o igualmente conhecido detetive Hercule Poirot, permitiu que Miss Marple suplantasse todos os perigos, viva e triunfante.

O crítico do *Times*, H. R. F. Keating, registrou com satisfação a sobrevivência de Miss Marple e escreveu cheio de entusiasmo: «É um Christie dos clássicos, maravilhosamente fácil de ler, constantemente intrigante. Como é que ela consegue isto? Uma infalível noção de tempo.» Agatha Christie, porém, a quem foi atribuído o título de *Dame da Ordem do Império Britânico* em 1971, sempre se mostrou modesta em relação à sua obra. Chegou mesmo a minimizar sua prodigiosa produção, chamando a si mesma certa vez «uma máquina de fazer salsichas».

Quando morreu, em janeiro de 1976, com 85 anos, a grande sacerdotisa da ficção policial tinha publicado 110 livros (66 deles romances policiais completos), com vendas calculadas em mais de 350 milhões de exemplares. Seus livros foram traduzidos em 157 línguas – mais 63 do que Shakespeare.

Suas histórias inspiraram 15 filmes, e 17 peças suas foram encenadas. *A Ratoeira* é a peça que ficou em cena por mais tempo em todo o mundo, tendo sido representada ininterruptamente durante 24 anos em Londres... e continua com êxito.

O filme *Crime no Expresso Oriente*, baseado no livro de Christie, está na lista dos dez maiores sucessos de bilheteria de 1975. *Cai o Pano* estava à cabeça da lista dos *best-sellers*, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos, na semana em que a autora faleceu.

No total, Agatha Christie ganhou aproximadamente 10 milhões de libras com seus livros policiais. Calcula-se que fez mais dinheiro que qualquer outro escritor de língua inglesa, provavelmente mais que qualquer outro escritor em toda a história. Antes de *Crime Adormecido* ter sido publicado, os direitos autorais para publicação nos Estados Unidos, em edição tipo livro de bolso, foram vendidos pela incrível soma de 500 mil libras.

Agatha Christie nasceu em Torquay, Devon, e cresceu no seio de uma família rica, sendo o pai norte-americano e a mãe inglesa. De modo pouco convencional, seus pais achavam que estudar era prejudicial tanto para os olhos como para o cérebro das crianças, e foram eles que se encarregaram pessoalmente de sua educação.

Ela lia muito, especialmente novelas românticas e aventuras de Sherlock Holmes, o que exerceu influência decisiva em seus escritos subseqüentes, como ela própria o admitiu. Num dia em que Agatha estava doente, sua mãe sugeriu-lhe que matasse o tempo tentando escrever uma pequena história. Isso fez que ela escrevesse uma série de contos de «cunho sombrio, em

que a maior parte das personagens morria».

Em 1915, durante a Primeira Guerra Mundial, a irmã mais velha apostou que ela não conseguia escrever «uma boa história policial». Agatha aceitou o desafio. Nessa época já tinha casado com Archibald Christie, oficial do Royal Flying Corps, e trabalhava como voluntária da Cruz Vermelha num hospital de Torquay.

Espalhados por toda a cidade, havia refugiados belgas instalados em casas particulares, e foi a partir de sua observação desses belgas que surgiu o protótipo de Hercule Poirot, com sua cabeça oval, seu bigode cheio de brilhantina e sapatos luzentes de verniz. Foi ele quem desvendou o crime no primeiro romance policial de Dame Agatha, *The Mysterious Affair at Styles* (*Misterioso Caso de Styles*).

Durante três anos, esse livro foi sistematicamente recusado por todos os editores; ao ser finalmente publicado, em 1920, vendeu menos de 2.500 exemplares, rendendo-lhe apenas 25 libras. Só com seu sétimo livro, *The Murder of Roger Ackroyd* (*O Assassinato de Roger Ackroyd*), publicado em 1926, é que Agatha Christie ficou famosa. Nessa época, ela, seu marido e a filha Rosalind viviam em Berkshire. Decorrido pouco tempo, sua confortável vida começou a desmoronar. A mãe morreu e o marido apaixonou-se por outra mulher.

Agatha simplesmente desapareceu. Seu carro abandonado foi en-

contrado num ermo caminho rural e, durante dez dias, milhares de policiais e voluntários vasculharam a Grã-Bretanha à sua procura. Seguindo uma informação dada pelo telefone, finalmente conseguiram localizá-la num hotel em Harrogate, inexplicavelmente registrada sob o nome da mulher com quem o marido viria a casar mais tarde. A história provocou manchetes na imprensa – o que alguns cínicos acreditaram ser um golpe de publicidade para fazer propaganda de *O Assassinato de Roger Ackroyd*.

Embora se confirmasse que ela estava sofrendo de amnésia, Agatha Christie ficou o resto da vida muito suscetível a tudo que se relacionasse com esse desaparecimento, mas foi ele que tornou seu nome conhecido em todo o país. O livro acabou vendendo mais de um milhão de exemplares.

Dois anos mais tarde, divorciou-se do coronel Christie, mas manteve o nome de casada para assinar suas histórias policiais. Em 1930, casou-se com Max Mallovan, eminente arqueólogo, que recebeu o título de Sir em 1968. Durante anos, acompanhou-o em suas escavações no Oriente Médio, ajudando-o a fotografar e a classificar objetos. Num livro assinado com o nome de Agatha Christie Mallovan, *Come, Tell me How You Live* (*Anda, Diga-me Como Você Vive*), fez uma alegre descrição de suas expedições. Também escreveu pequenas histórias, um livro de poesia e, sob o pseudônimo de Mary

Westmacott, compôs várias novelas românticas.

Mas foi como autora da autêntica arte do crime para diversão que Agatha Christie deixou sua marca. Seus livros eram meticulosamente pesquisados e seu trabalho no hospital deu-lhe excelentes conhecimentos sobre venenos. As expedições arqueológicas de seu marido proporcionaram-lhe ocasionalmente o cenário para vários livros, tais como *Murder in Mesopotamia* (*Morte na Mesopotâmia*) e *Death on the Nile* (*Morte no Nilo*); chegou mesmo a arquitetar uma história, *Death Comes as the End* (*A Morte Chega como o Fim*), passada no ano 2000 a. C. no Egito, «investigando exaustivamente todos os pormenores da vida do dia-a-dia».

Um leitor cético resolveu tomar o Expresso do Oriente, que atravessava a Europa, apenas para se certificar se Agatha Christie tinha razão quanto às baldeações de que fala no *Crime no Expresso Oriente...* e ela tinha mesmo razão.

As bem arquitetadas histórias de Christie (que eram concebidas em diversas ocasiões, como, por exemplo, enquanto tomava banho, comia maçãs, lavava a louça ou cozinava) valeram-lhe o título de «rainha do ardil». Adorava mistificar o leitor, mas garantia que nunca o enganava realmente; só fazia que ele enganasse a si próprio.

Por exemplo, pede-se a um suspeito que verifique uma data. Ele atravessa a sala e olha rapidamente para um calendário. O leitor é le-

vado a supor que a data que ele nos diz é importante, mas a pista consiste em que o suspeito é míope demais para ver o que está do outro lado da sala. Outro estratagema clássico de Christie é «o lance por cima do ombro». Alguém olha em frente, por cima do ombro de outra pessoa, e fica pasmo com o que vê. A cena nos é descrita em detalhe, e ficamos sabendo exatamente que pessoas e coisas se encontram em sua linha de visão. O indício revelador é lançado tão casualmente que de balde o procuramos num mar de pistas falsas.

Num de seus mais bem elaborados argumentos, Dame Agatha Christie transformou uma de suas vítimas no assassino. Em outra ocasião, fez de seu detetive um criminoso.

Tão magistral prestidigitação conseguiu-lhe a aprovação da realeza. Quando da B. B. C. perguntaram à falecida rainha Mary o que desejava para um programa comemorativo de seu aniversário, ela pediu uma peça radiofônica de Agatha Christie. A autora acedeu ao pedido e mais tarde reescreveu essa peça sob a forma de conto. Finalmente, transformou-a em peça de teatro intitulando-a *The Mouse Trap* (*A Ratoeira*), uma alusão à «peça dentro de uma peça», do *Hamlet*.

Agatha Christie era uma mulher tímida, reservada, que adorava seu jardim. Foi descrita por seu agente literário como «uma senhora à moda antiga». Tal como os assassinos que criou, movimentava-se

num mundo de grandes casas de campo, onde era hábito as pessoas vestirem-se para jantar e lamentarem a morte dos bons criados; onde as pratas estavam sempre impecavelmente polidas (para se verem as impressões digitais), e onde meninazinhas não andavam, mas «corriam ligeiramente» pelo gramado, sempre muito bem tratado (para se notarem as marcas dos pés).

Nesse mundo nunca se proferiam palavras obscenas, nem havia implicações freudianas; o sexo limitava-se a castos beijos. «Não gosto de mortes sujas. Não gosto de violência», insistia Agatha, embora se tenha dito que nenhuma mulher ganhou mais com o crime, desde Lúrcia Bórgia. «Nada sei sobre pistolas e revólveres; é por isso que em geral mato meus personagens com um objeto pesado qualquer ou, melhor ainda, com veneno.»

Como desprezasse personagens que «se agrediam uns aos outros sem nenhuma razão aparente», fez que o elegante Hercule Poirot confiasse sobretudo em sua «massa cinzenta» para resolver os casos. Poirot, ansioso por deslizes, absolutamente seguro de si mesmo, sempre sacudindo minúsculas partículas de poeira da manga e pontuando cada frase com palavras de francês escolar, é talvez o mais famoso detetive de ficção desde Sherlock Holmes.

Quando Agatha o inventou, descreveu-o como um famoso detetive belga que se havia aposentado antes da Primeira Guerra Mundial, o que fazia que tivesse cerca de 120 anos

quando morreu, em 1975 – acontecimento literário que *The New York Times* assinalou colocando seu obituário na primeira página.

Dame Agatha Christie reconhecia que a popularidade de Poirot a surpreendia, pois não era «o gênero de detetive particular que você contrataria hoje em dia». Contudo, não é difícil compreender o apelo universal de Poirot ou, por exemplo, da velha senhora detetive, Miss Jane Marple, uma figura inspirada por sua avó e sua tia-avó, e que surgiu pela primeira vez em 1930, solucionando *Murder at the Vicarage* (*Assassinato na Casa Paroquial*). Ambos representam a lógica num mundo ilógico. A virtude triunfa sempre; a maldade é sempre descoberta.

Quando morreu, já tinha tido tempo suficiente para ver a expressão «um Agatha Christie» tornar-se sinônimo de história policial. O mundo inteiro prestou-lhe homenagens. Foi considerada uma figura lendária, cujo nome iria sobreviver à maior parte dos seus contemporâneos, e uma fonte magnífica de entretenimento. Talvez o tributo que melhor exprimiu isso tenha sido o editorial de um jornal que fechava seu artigo dizendo: «A autora proporcionou mais momentos de prazer do que a maioria das outras pessoas que escreveram livros.»

E isso não é pouco.

Os livros de Agatha Christie foram editados no Brasil pela Nova Fronteira, a Livraria Globo e a Edameris, e em Portugal pela Livraria Bertrand. (Nota do Editor.)